

Ser-aí em Heidegger e Psicopedagogia: considerações sobre uma parceria possível

Abimael Francisco do Nascimento¹

RESUMO

Considerando a Psicopedagogia como um saber interdisciplinar e a filosofia heideggeriana como um saber amplo, sobretudo na formulação de ser-aí, o presente texto propõe um diálogo entre esses dois saberes, com o fim de elucidar as contribuições da noção de ser-aí em Heidegger à Psicopedagogia.

PALAVRAS-CHAVE: Psicopedagogia; saber; Filosofia; ser-aí

ABSTRACT

Considering the Psycho-pedagogy as an interdisciplinary knowledge and the Heideggerian Philosophy as a broad knowledge, mainly in the formula of the Being-there (Dasein), the present article proposes a dialogue between these knowledges, aiming to elucidate the contributions of the notion of Being-there in Heideggerian Psycho-pedagogy.

KEYWORDS: Psycho-pedagogy; knowledge; Philosophy; Being-there

Introdução

Contribuições do ser-aí em Heidegger à Psicopedagogia é uma proposta de estudo que considera a natureza da Psicopedagogia e, ao mesmo tempo, a abrangência do pensamento heideggeriano. A psicopedagogia é interdisciplinar² e a filosofia heideggeriana tem sido explorada por diversos saberes, como se verá adiante: filosofia, psicologia, hermenêutica e teologia.

¹ Graduado em Filosofia, Especialista em Psicopedagogia e Mestre em Teologia Sistemática pela PUC-SP.

² Conforme afirma Gasparian: "Psicopedagogia está no lugar dos três, onde um mais um é igual a três. Portanto ela não é uma disciplina. Ela é interdisciplinar. E o que vem a ser interdisciplinar? Só podemos falar de interdisciplinaridade na interlocução de duas ou mais disciplinas, de uma interlocução criadora, na qual se transcende o espaço da subjetividade para ir ao encontro de muitas subjetividades / disciplinas em diálogos."

Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=10>. Acessado em 11/10/11, 10:40:25.

A Psicopedagogia possui dois ramos: Clínica e Institucional. A Psicopedagogia Institucional está ligada ao ambiente escolar, trabalha mais propriamente com a instituição de ensino, e também com outras instituições, mas com foco no ensino-aprendizagem. A Psicopedagogia Clínica é uma área atenta ao tratamento da dificuldade de aprendizagem. Por meio da clínica o psicopedagogo envereda por caminhos que levam a um processo terapêutico. Nos trabalhos, tanto institucional como clínico, o centro é o sujeito; a atenção está voltada para aquele que está aprendendo.

O sujeito ocupa um lugar central na Psicopedagogia, daí a empreitada de olhar o ser-aí em Heidegger e buscar suas contribuições à Psicopedagogia, pois a teoria do ser-aí já tem contribuído para vários saberes, sobretudo os que abordam o sujeito³, o homem no mundo⁴. Por isso, considerando os vários saberes que contaram com a contribuição do pensamento de Heidegger, vê-se que também a Psicopedagogia, sobretudo no que toca em sua abordagem ao sujeito, também pode receber a contribuição desse pensador. Ora, a fenomenologia, chave de leitura do ser-aí, é uma dessas contribuições que a Psicopedagogia pode receber de Heidegger.

A teoria heideggeriana tem sido explorada tanto pela filosofia como por outros saberes. Por isso segue uma breve explanação de alguns saberes e pensadores que foram influenciados pelo pensamento de Heidegger, como se

³ No presente textos utiliza-se “sujeito” referente a homem e conseqüentemente a ser-aí. No entanto, “Heidegger recusa, sobretudo o uso desse termo para designar o indivíduo que cada um de nós é, e igualmente as palavras consciência, alma, espírito, pessoa, inclusive homem (*Mensch*), se por homem se entender o “sujeito”. [...] o termo vinha carregado, desde a tradição do idealismo, com a significação daquela realidade que se pensa e se quer a si mesma: o sujeito é uma vontade, um poder de autoafirmação ou auto posição” (ESPINOZA, Nolberto A. *A consciência como princípio: releitura à luz da Logoterapia de Viktor Frankl*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 65). Mesmo diante da posição de Heidegger, sujeito se constitui a forma de descrever aquele ente que tem a capacidade de se fazer a pergunta pelo ser e pelo sentido, e do mesmo modo é ele que entre no processo de aprendizagem, por isso ao longo do texto também será utilizado o termo sujeito como equivalente a homem e ser-aí.

⁴ REALE, Giovanni; ANTISERI, D. *História da Filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt*. V. 06. São Paulo: Paulus, 2006, p. 205: “tudo isto nos introduz à tratção da característica fundamental do homem que Heidegger chama de *ser-no-mundo*. O homem está-no-mundo. Mas, como o homem é constitutivamente projeto, o mundo- diferentemente de Husserl- não é originariamente uma realidade a contemplar, e sim muito mais um conjunto de *instrumentos “para” o homem*, um conjunto de utensílios”.

verá adiante, no entanto, o propósito do presente estudo é uma aproximação entre o ser-aí em Heidegger e a Psicopedagogia.

A psicoterapia é um dos saberes que em algumas correntes recebe influência heideggeriana. É sabido que a compreensão de ser-no-mundo e a busca do ser têm ajudado a psicoterapia a compreender o que significa mundo para os que sofrem distúrbios, no tocante ao sentido. A Logoterapia⁵, Escola de Psicoterapia do Sentido da Vida, fundada em Viena, por Frankl, traz a pergunta pelo ser, entendida como a pergunta pelo sentido. Esta corrente que trabalha e aborda o sentido da vida tem forte influência do pensamento de Heidegger⁶. Ainda na psicoterapia pode-se enfileirar o psicoterapeuta suíço Merdad Boss, que após troca de correspondência com Heidegger organizou o Seminário de Zollikon, onde se discutiu à luz do pensamento de Heidegger, a prática e a teoria psicoterapêutica, desenvolvendo o método daseinalíticos⁷.

No campo da filosofia são várias as contribuições em nomes como Michel de Foucault, no campo da ética, em Jacques Derrida no tocante à relação com a tecnologia moderna⁸. Verifica-se influência também em Marcuse no campo da revolução social e a emancipação dos sentidos. Também em

⁵ FRANKL, Victor. *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. Aparecida: Santuário, 1989, p. 13: "Uma tradução literal do termo 'logoterapia' é 'terapia através do sentido'. Naturalmente poderia ser traduzido também como 'cura através do significado', mas isso implicaria num tom religioso alto demais que não está necessariamente presente na logoterapia. Em todo caso, a logoterapia é uma (psico)terapia centrada no sentido".

⁶ ESPINOZA, Nolberto A. *A consciência como princípio: releitura à luz da Logoterapia de Viktor Frankl*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 64-67; MATTÉI, Jean-François (Coord.). *Heidegger: l'énigme de l'être*. Paris: PUF, 2004, p. 64-67. p. 45.

⁷ EVARISTO, P. *A recepção do inconsciente freudiano pela daseinsanalyse de Merdad Boss*: "Boss insiste na existência de uma semelhança entre as descobertas clínicas de Freud e a analítica existencial da filosofia de Heidegger, fundamento da daseinsanalyse. Ele indica de maneira mais explícita essa semelhança num capítulo intitulado "A Harmonia Intrínseca da Terapia Psicanalítica e a Daseinsanalyse", no qual afirma que ambos os autores "estão falando exatamente do mesmo fenômeno" (BOSS, 1963), a saber, da existência humana. No trabalho realizado por Freud estaria implícita uma "compreensão tácita de homem" (BOSS, 1963) que leva em conta o "sentido" dos acontecimentos, que não pôde ser desenvolvida devido ao aprisionamento no modelo mecânico-causal. Tal compreensão de homem foi desenvolvida por Heidegger em *Ser e Tempo*, livro publicado em 1927, que se propõe a recolocar a pergunta filosófica: "que é ser?" e, para tanto, necessita de uma nova exposição do existir humano atenta à sua relação com o "ser", a analítica do Dasein." Disponível em: <http://fenoegrupos.com/JPM-Article3/index.php?sid=10>. Acessado em 09/10/11 às 14:31:15.

⁸ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 25.

discípulos mais diretos como Hannah Arendt e sua filosofia política e Gadamer no estudo da historicidade da existência humana, a linguagem e o tema da verdade⁹.

Visto que Heidegger contribuiu com vários saberes, segue este estudo uma organização que pretende propor a contribuição do ser-aí à Psicopedagogia, a partir da interdisciplinariedade que a enriquece. Para tanto, o estudo se inicia por expor ao leitor alguns breves dados da biografia de Martin Heidegger; segue expondo a categoria de ser-aí, como categoria chave da proposta de estudo, visto que a aproximação é exatamente considerar as contribuições do ser-aí à Psicopedagogia. O tópico seguinte se detém em algumas propriedades do ser-aí: disposição, compreender e interpretar. Termos que remetem diretamente ao cerne do labor do psicopedagogo, que é o processo de aprendizagem, de modo que este tópico seja o ver laboral da Psicopedagogia e possíveis contribuições da categoria de ser-aí. A continuidade do estudo chega à relação entre a Psicopedagogia e o ser-aí em Heidegger. É o tópico no qual se expõe o estatuto da Psicopedagogia e as contribuições da noção de ser-aí em Heidegger ao saber psicopedagógico. A abordagem sobre as contribuições são a título de estudo e por isso apresentam possibilidades de intervenções e propostas teóricas para fundamentar a abordagem psicopedagógica, seja clínica ou institucional, mas sem esgotar o que seja a Psicopedagogia ou o ser-aí em Heidegger.

Portanto, a leitura do texto é uma entrada na relação interdisciplinar da Psicopedagogia com a Filosofia, centrada no homem, no ser que está aí no mundo com outros entes e objetos que entram no seu mundo e, que carecem de significado, pois “a pessoa humana é essencialmente um ser com, um ser para, um ser em, um ser em relação com os outros”¹⁰.

⁹ MATTÉL, Jean-François (Coord.). *Heidegger: l'énigme de l'être*. Paris: PUF, 2004, p. 64-67.

¹⁰ CALANDRO, Eduardo; LEDO, Jordélio. *Psicopedagogia catequética: reflexões e vivências para a catequese conforme as idades*. V. 1. São Paulo: Paulus, 2010, p. 18.

1 Ser-aí, uma categoria existencial

Em Heidegger, o homem existe para a morte. Ele (Heidegger) é o “teórico da existência entendida como um viver para a morte e da angústia como sentido da ameaça radical e da presença do nada”¹¹. Heidegger nasceu em Messkirch na Alemanha e teve sua infância junto à sua família que vivia no campo. Estudou Teologia e laureou-se em Filosofia em 1914, em Freiburg im Breisgau. Durante seus estudos teve como professor um opositor ao psicologismo, Paul Rickert e também foi assistente de Husserl, a quem sucedeu mais tarde na cátedra em Freiburg im Breisgau. Esse a quem sucedeu foi o mestre que possibilitou a Heidegger fazer análises fenomenológicas¹².

A analítica Existencial proposta por Heidegger é a busca do fenômeno do ser¹³: como e onde se dá esse fenômeno? O fenômeno se dá em um ente privilegiado, no ente que possa perguntar a si mesmo sobre o ser. Esse ente é o homem. O homem é o lugar onde o fenômeno acontece¹⁴. A partir daí, essa questão será minuciosamente buscada na filosofia de Heidegger. Ele não a considera existencialista, por não ser uma filosofia sobre a existência do homem, mas uma ontologia do ser¹⁵.

Para perseguir a questão do ser, ele utilizará da analítica existencial, elucidando a revelação do ser no ente que busca. Desta forma, procura o desdobramento do ente para o encontro do ser. Desdobramento que se dá no “estar lançado” do ser-aí. O ser-aí é um ser lançado, e segundo Heidegger o

¹¹ REALE, Giovanni; ANTISERI, D. *Historia da Filosofia: do Romantismo até os nossos dias*. São Paulo: Paulus, 1991, p. 581.

¹² Idem *ibidem*, p. 582.

¹³ MATTÉI, Jean-François. *Heidegger*, p. 17: “La pensée de Heidegger est d’un bout à l’autre d’un cheminement qui ne va pas sans “tournants”, une pensée *de l’être sur l’être* et, plus profondément, un débat *avec l’être* pour tenter de lui arracher son sens ou en tout cas, le premier de ses sens.”

¹⁴ REALE, Giovanni; ANTISERI, D. *História da Filosofia*. V. 06, p. 203.

¹⁵ MATTÉI, Jean-François. *Heidegger*, p.18.

“estar lançado” do ser-aí o caracteriza como um ser *ex-istente*, um ente “para fora”. No “estar para fora” se mostra a brecha pela qual a analítica existencial pode apreender o seu ser, que se revela como estrutura ontológico-existencial¹⁶.

A natureza do ser-aí é diferente das coisas que entram em seu mundo. Com uma razão contrária à intramundanidade, o ser-aí é um ser-no-mundo. A analítica existencial deve se ocupar da vida cotidiana do ser-aí, que se realiza, como ser-no-mundo, que é um relacionar-se com. O *in der-welt-sein*¹⁷, assim como *mit-sein*¹⁸ é um modo existencial do ser-aí.

O caráter de cunho fundamental do ser-aí é ser-no-mundo. Ele está envolto de coisas, de objetos à mão (*zuhanden*). As coisas não estão para serem contempladas e sim utilizadas, cuidadas. Este estar envolto de utensílios do ser-aí, o prescreve como um ser que se relaciona com esses objetos. Esse relacionamento por manuseio propicia o conhecimento. A partir daí se compreende que o conhecer para Heidegger acontece pelo manuseio e pelo cuidado com as coisas que entram no mundo do ente, de sorte que manusear e conhecer sejam processos que se seguem na existência do ser-aí.

Mas o ser-aí não está no mundo somente com objetos, ele se encontra com outros que também são ser-aí, por isso Heidegger o titula de ser-com-os-outros. O fato de estar com outros entes, exige que o ser-aí se relacione¹⁹. Essa relação seja com os objetos ou com outros sujeitos requer a propriedade do cuidado. O cuidar dos outros pode acontecer por duas vias: a primeira se dá por propiciar a liberdade ao outro; aqui, o “estar junto a” se dirige para a independência do outro, onde o outro caminha para o seu próprio cuidar de si. Na segunda via a relação com os outros entes pode ocasionar uma relação de dependência, onde o “estar junto a” não propicia a liberdade, fazendo com que

¹⁶ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, p.49: “à medida, porém, que a existência determina a presença [ser-aí], a analítica ontológica desse ente sempre necessita de uma visualização prévia da existencialidade. Entendemos a existencialidade como a constituição de ser de um ente que existe”.

¹⁷ Ser-no-mundo

¹⁸ ser-com

¹⁹ REALE, Giovanni; ANTISSERI, D. *História da Filosofia*, p 585.

o outro não chegue a cuidar de si próprio. Essas duas perspectivas de relação do ser-aí são tratadas por Heidegger, respectivamente, como existência autêntica e existência inautêntica²⁰.

Autenticidade diz respeito ao fato do ser-aí assumir o seu projetar-se ao leque de possibilidades, abrindo-se a conhecer e cuidar, assumindo o seu ser-no-mundo, acolhendo a existência na direção da liberdade. A existência autêntica se encontra em uma consciência da finitude. O ser que se lança no processo de cuidado, que explora a liberdade com as coisas que entram em seu mundo, é um ser-para-a-morte²¹. No entanto, tal constatação não causa desânimo ao ente, não o deixa parado, mas o motiva a buscar o sentido do existir, a conhecer o mundo no qual ele é ser-aí.

A existência inautêntica caracteriza-se por uma relação intramundana. A rigor, é o perder-se do ser-aí, pois se isenta de sua transcendência, não assume a sua morte e por isso se contenta com o que entra no mundo, não busca, não cuida. Seria propriamente uma existência acomodada e fixada com o que entrou em seu mundo.

O ser-aí, em uma visão ontológica, deve imergir ao encontro do pro-jeto e não na fuga desse, que o faria cair no impessoal do que ele realiza. O ser-aí que se desvia do seu poder-ser de-cai no impessoal do seu ser junto ao “mundo” das ocupações, legitimando, assim, a fuga do si próprio, isto é, do pro-jeto que é enquanto ser-aí, lançado no mundo. Nessa fuga ele não atua em seu projetar-se, mas fecha-se para o seu poder-ser.

Do ponto de vista existenciário, sem dúvida, a propriedade do ser-próprio se acha na de-cadência, obstruído e fechado [...] no estando no desvio de si mesma, descortina-se o “aí” do ser-aí. Em razão de seu caráter de abertura, o desvio ôntico-existenciário propicia fenomenalmente a possibilidade de se

²⁰ REALE, Giovanni; ANTISERI, D. *História da Filosofia*. V. 06, p. 206.

²¹ Idem ibidem, p. 207: “a existência autêntica, portanto, é um ser-para-a-morte. Somente compreendendo a impossibilidade das possibilidades, como possibilidade da existência, e somente assumindo essa possibilidade com decisão antecipada, o homem encontra o seu ser autêntico”.

apreender aquilo de que se segue como tal, de forma ontológico-existencial²².

A abertura a que Heidegger se refere é a angústia, que consiste numa disposição do ser-aí para se desviar da de-cadência²³. No se desviar, abre-se a possibilidade de compreensão e apreensão do ser-aí. Na abertura que se impõe na de-cadência, o ente que pergunta deixa de tratar com familiaridade o cotidiano, e vê com “estranheza” o estar em casa.

A estranheza²⁴ não é uma estrutura da angústia, mas é uma estrutura revelada pela angústia. A angústia ao angustiar-se, não se angustia com um alvo localizado ou predeterminado, mas se angustia com o homem no mundo²⁵.

A angústia²⁶ é entendida como disposição para poder-ser-no-mundo, ou seja, ela é uma abertura para o poder-ser próprio do ser-aí, pois a angústia ao se angustiar com o ser-no-mundo deixa o ser-aí lançado e remete-o para o porquê de sua angústia, lançando-o como ser-possível e lhe abrindo a se fazer na existência, isto é, a angústia confronta o ser com o seu aí, de modo que agora, na angústia, ele pode se escolher, definir-se pelo seu projeto, assumindo o que lhe configura como mais próprio.

Naquilo pelo que se angustia, a angústia abre o ser-aí como ser-possível e, na verdade, como aquilo que, somente a partir de si mesmo, pode singularizar-se numa singularidade. No ser-aí, a angústia revela o ser para o poder-ser mais próprio, ou seja, o ser livre para a liberdade de assumir a si mesmo²⁷.

Entre as categorias do ser-aí, além de angústia, encontram-se: ocupação, preocupação e cuidado. A ocupação faz parte da constituição do ser-aí no

²² HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, p. 247.

²³ Reale opta por utilizar o termo *dejeção* para a “queda do homem no plano das coisas”, no entanto, a presente opção por usar de-cadência segue a linha da edição brasileira da obra *Ser e Tempo* da editora Vozes, traduzida por Márcia de Sá Cavalcante. Mas há também que se considerar que além da proposta de Reale e de Sá Cavalcante há ainda a proposta mais recente de Fausto Castilho, também pela editora Vozes em 2012, que traduz *Verfallen* por decair.

²⁴ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, p. 255.

²⁵ Idem ibidem, p. 254: “por que a angústia se angustia desvela-se como o com o que ela se angustia: o ser-no-mundo”.

²⁶ Idem ibidem, p. 255.

²⁷ Idem ibidem, p. 253.

mundo, onde ele se ocupa com os utensílios e com os outros no seu aí no mundo. Mas quando é vivida como meracidade, inibe o ser-aí de se abrir às possibilidades que se apresentam no mundo, encerrando-o na satisfação meramente ocupacional, sem lhe abrir à sua criatividade, a meracidade fecha o ser-aí numa rotina repetitiva.

No modo de empenhar-se para realizar algo, a ocupação é um modo próprio do ser-aí, que o desafia a desenvolver possibilidades em vista do realizar, assim, a ocupação, como categoria do aprendente, abre-lhe ao processo de esforçar-se para aprender a realizar algo. No intuito de bem realizar uma ocupação, revela-se outra categoria cara ao ser-aí: a preocupação.

A preocupação é, na existência, o modo de ser que propicia o se lançar do ser-aí, pois quando não se preocupa ele pode se acomodar nas ocupações e cair na de-cadência, revelando-se como des-preocupado. O preocupar-se é um estar aberto ao futuro, fazendo com que o ser-aí se inquiete no mundo das ocupações, e abra-se à angústia. A preocupação é a responsabilidade de si mesmo, uma vez que se caracteriza, por assim dizer, pelo próprio pro-jetar-se livremente para o futuro. O preocupar-se pode se revelar no ser-aí como desejo, esperança e disponibilidade²⁸.

Em sua estrutura existencial, o ser-aí, ente em que é revelado o fenômeno do ser, não é somente ocupação e preocupação, mas antes desses, é cuidado. “Enquanto modificação de todo ser-no-mundo, a pre-sença [ser-aí] já é sempre cura [cuidado]”²⁹. O cuidado é a própria estrutura do ser-aí enquanto no mundo, é, então, o ponto central das estruturas humanas, uma vez que cuidado para o ser-aí é sempre preceder a si mesmo.

O cuidado é o fenômeno pelo qual se dá o preceder a si mesmo do ser-aí. Esse cuidado pressupõe modificação de todo ser-no-mundo, o que conseqüentemente predispõe um projeto que comporte o *estar-lançado*.

²⁸ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, p. 260.

²⁹ Idem *ibidem*, p 263.

Cuidado é sempre solicitude e preocupação, ainda que apenas privadamente. Nessa disposição, uma entidade que é compreendida - quer dizer, que foi projetada em sua possibilidade - vê-se dominada, seja como algo com que o próprio eu deve penetrar em seu ser através da solicitude³⁰.

Na disposição do ser-aí existir em relação com as coisas e com os outros, o cuidado está relacionado com algo que foi compreendido e pelo qual o ser-aí dispõe solicitude, que implica preocupação. De modo que cuidado seja o ser-aí enquanto ser-no-mundo e, ao mesmo tempo, é o cuidado que significa as coisas, as faz ser algo, encontra significado e sai do impessoal para se tornar algo com o quê o ser-aí se ocupa no mundo, significando as relações do ser-aí.

Esses existenciais intensificam-se em demonstrar que o ser-aí é um ser lançado, é um projeto aberto, um ser que está se fazendo e como tal, pode-se considerar o processo de aprendizagem como fundamental nessa feitura do ser-aí e, ao mesmo tempo, a analítica existencial como um saber que tem como auxiliar no desvelamento daquele que se coloca no processo de aprendizagem, uma vez que o homem é este ser sobre o qual repousam as questões da existência.

Exposto o ser-aí como categoria existencial para Heidegger e considerando os existenciais, mostra-se, o pensamento heideggeriano, plausível para contribuir com a Psicopedagogia a partir de uma abordagem interdisciplinar. E para prosseguir há que se considerar que o ser-aí como ser-no-mundo está diretamente relacionado com compreensão como um existencial, como modo de existir, pelo que vale, ainda enveredando no conhecimento da proposta de Heidegger, ver as categorias de disposição, compreender e interpretar, que podem ser diretamente ligadas ao labor da Psicopedagogia.

³⁰ STEINER, George. *Idéias de Heidegger*. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 55.

2 Disposição, compreender e interpretar

Disposição, compreender e interpretar são categorias existenciais que estão diretamente associadas ao ser-aí como ser-no-mundo. O existencial que coloca o ser-aí com o gosto pela vida é a disposição. Ela o leva a compreender o mundo e interpretá-lo³¹. Heidegger trata disposição como humor, por entender que revela o estado do ser-aí, pois o humor fala da disposição que ser possui para o seu aí, ou seja, como se relaciona com o mundo e como o acolhe. De modo que humor/disposição³² estejam ligados com a compreensão e interpretação.

Compreender diz respeito à abertura que o ser-aí possui para as possibilidades que se lhe apresentam no mundo, aliás, o ser-aí no mundo acontece com esse existencial, visto que compreender não seja uma possibilidade, mas uma condição existencial, portanto, enquanto existencial, o compreender sempre se dá. Contudo, pode acontecer uma entrada indevida no ciclo hermenêutico, o que leva o ser-aí ao impessoal. É como se o mundo não lhe afetasse; é como se o compreendido lhe fosse impessoal, não lhe diga respeito. Mas o compreender sempre comporta o ser-aí como sujeito aberto. Ele é um sujeito aberto, está diante de si mesmo e pode compreender as coisas a partir da sua realidade e, ao mesmo tempo, dentro da cultura maior em que está inserido. Nesta categoria ele existe como sujeito aberto ao mundo³³.

A compreensão leva o ser-aí à interpretação. O interpretado³⁴ já foi antes compreendido dentro da cultura, dentro do mundo, mas o ser-aí tem sua

³¹ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, p. 193.

³² SODELLI, Marcelo; SODELLI-TEODORO, Alessandra. Visitando os 'seminários de Zollikon': novos fundamentos para a psicoterapia fenomenológica. *Psicologia Revista*. São Paulo, n. 02, 2011, p. 252: "é pelos humores que me torno consciente do mundo ou dos entes como um todo, um reino aberto no qual posso encontrar outras pessoas e coisas. Somente estando em um humor é que posso ser 'afetado', tocado por algo, é que posso interessar-me por alguma coisa e algo me importar".

³³ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, p. 209.

³⁴ Idem *ibidem*, p. 209.

particularidade, por isto a interpretação revela o modo de ser próprio do ser-aí no mundo. Ela, a interpretação, acontece a partir da manualidade e da visão.

Compreender e interpretar dizem respeito à “visão”. O compreender, que é uma postura prévia do ente diante das coisas, acontece por meio da apreensão dos fenômenos. Ao recolher esta compreensão o ente a interpreta, procura pelo “como e o quê”, ou seja, compreende que aquele objeto seja algo, mas ainda não possui uma elaboração sobre o mesmo, e só na medida em que a “visão” tem contato com ele, o sujeito vai interpretando o que seja, até, possivelmente, chegar a enunciar sua interpretação do objeto³⁵. Pode-se dizer que o interpretar seja remissivo, isto é, o compreender se dá na cultura, no mundo social, e o interpretar remete o objeto à mão ao já compreendido. Com isso, entre o compreender e o interpretar entra o remissivo, para formalizar o “como e o quê” prévio daquilo que está à mão.

O “como” constitui a estrutura do expressamente compreendido; ele constitui a interpretação. O modo de lidar da circunvisão e interpretação com o manual intramundano, que o “vê” como mesa, porta, carro, ponte, não precisa necessariamente expor o que foi interpretado na circunvisão num enunciado determinado. Toda visão pré-predicativa do que está à mão já é em si mesma um em compreendendo e em interpretando³⁶.

Além do compreender e interpretar, para Heidegger, angústia, cuidado, liberdade e preocupação são antecipados pela disposição, que é uma categoria que antecede as demais, e a qual elas estão interligadas. Ora, na disposição se encontra o ser-aí disposto ou não a assumir o mundo no qual se encontra, a explorá-lo ou não. Assim, a disposição, que no cotidiano é chamado de humor, em Heidegger seria a matriz do aprender, pois o mais: compreender,

³⁵ Idem ibidem, p. 219: “A concepção prévia sempre presente em todo enunciado permanece na maior parte das vezes, sem surpresas, pois toda língua já guarda em si uma conceituação elaborada. Tanto enunciado quanto a interpretação têm necessariamente seus fundamentos existenciais numa posição prévia, visão prévia e concepção prévia”.

³⁶ Idem ibidem, p 210.

interpretar, enunciar, angústia, liberdade, cuidado e preocupação a têm como base.

O humor revela “como alguém está e se torna”. É nesse “como alguém está” que a afinação do humor conduz o ser para o seu pré. O ente que possui o caráter da presença é o ser pré, no sentido de dispor-se implícita ou explicitamente em seu estar-lançado. Na disposição, a presença já se colocou sempre diante de si mesma e já sempre encontrou, não como percepção mas como dispor-se numa afinação de humor³⁷.

A disposição³⁸, quando não sendo mau-humor, é propriamente uma existência autêntica. Já o mau-humor, que faz o ser-aí simplesmente ocupar-se com o mundo, é uma existência inautêntica³⁹. O ser-aí, que é o sujeito-aprendente é, ao mesmo tempo, um ser provido de muitas possibilidades, por isso, no processo de aprendizagem, ele deve ser também disposição, assumindo o seu ser mais próprio, que é ser-lançado.

O psicopedagogo, considerando o aprendente como ser lançado, deve ter em conta a realidade que o aprendente traz, para deste modo propiciar uma facilitação do aprendizado, considerando que o ser-aí, mesmo ainda criança traz consigo a disposição para compreender e interpretar o mundo no qual ele se encontra, por isso, a Psicopedagogia, com o contributo da analítica existencial, antes de formalizar uma proposta de intervenção que seja fechada e pronta, pode, considerando o aprendente, acolher o fenômeno que revela o ser-aí, pois, de fato, cada aprendente traz o seu mundo conjectural (cultura) e o confronto com as ciências. Mas às vezes esse confronto deixa sequelas que leva o aprendente a uma relação impessoal com o processo de aprendizagem, chegando o aprendente à convicção de que esse conhecimento científico não lhe diz nada; contudo, o saber psicopedagógico, por uma proposta fenomenológica, pode tematizar com a ciência aquilo que o aprendente traz. Esse seria um caminho para lidar com a queixa escolar.

³⁷ Ibidem, p. 193.

³⁸ Ibidem, p. 196.

³⁹ Idem ibidem, p. 297.

Portanto, disposição, compreender e interpretar, abordados por Heidegger, em sua analítica existencial, apresentam-se como elementos possibilitadores de uma parceria entre a analítica de Heidegger e a Psicopedagogia. De modo que se segue com mais afinco e com alguns ensaios de intervenção o estreitamento dessa parceria/contribuição.

3 Psicopedagogia e o Ser-aí em Heidegger

A Psicopedagogia é o saber que estuda o processo de aprendizagem, utilizando de várias contribuições para construir seu próprio estatuto⁴⁰. Com a psicologia do desenvolvimento, a Psicopedagogia compreende o processo de desenvolvimento infantil e associa-o aos processos de aprendizagem. Na relação com a psicanálise, apreende a valorização e a abordagem psicoafetiva da criança. Relacionando-se com a filosofia, a Psicopedagogia tende a apreender a questão sobre o ser. Ser entendido como o sujeito do processo de aprendizagem, de modo que “a parceria da Filosofia com a Psicopedagogia consolida-se a partir da reflexão filosófica do ser humano e sua condição de estar no mundo [...] como construtor do conhecimento”⁴¹. Por isso, como o presente estudo já expôs algumas categorias da filosofia heideggeriana e ensaiou uma aproximação com a Psicopedagogia, a partir de agora se abordará mais propriamente a parceria entre a filosofia do ser-aí em Heidegger e a Psicopedagogia.

⁴⁰ RUBINSTEIN, Edith Regina (Org). *Psicopedagogia: fundamentos para a construção de um estilo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p. 16: “A psicopedagogia contemporânea se apoia no conceito de transdisciplinariedade ao reconhecer e introduzir conceitos de várias áreas do conhecimento para a construção de sua práxis”.

⁴¹ SILVEIRA, Mara Musa Soares. *Contribuições filosóficas e psicopedagógicas no desenvolvimento do ser*. Disponível em <http://psicopedagogia.com.br/opinião/opinião.asp?entrID=313>. Acessado em 08/04/14, às 10:25:30.

A Psicopedagogia teve origem na França, pelos meados do século XIX⁴². Em meio ao processo de intensificação da industrialização a escola passou a ser o espaço de preparação de mão-obra. No entanto, ao juntarem vários estudantes em um mesmo processo, viu-se que uns prosseguiam no ritmo “normal” e outros tinham um ritmo mais lento ou apresentavam uma maior densidade de dificuldades. Diante desta realidade emergiram perguntas sobre como a pessoa aprende e como se facilitar o processo de aprendizagem, daí os primeiros ensaios de Psicopedagogia⁴³.

A Psicopedagogia como um saber que auxilia o sujeito a encontrar a sua abertura ao mundo, deve lhe propor a busca do sentido, que não se encontra aqui ou ali, na mera ocupação, mas numa disposição a se lançar. Mas para lidar com o sujeito-aprendente, a práxis psicopedagógica tem a possibilidade de receber do ser-aí heideggeriano uma hermenêutica fenomenológica que abra pistas sobre a disposição do sujeito-aprendente dentro do processo de aprendizagem e, ao mesmo tempo, desviar-se de qualquer tecnicismo nesse processo⁴⁴. Frente a isto, disposição em Heidegger pode ser considerada como uma base para aprender, uma vez que o processo de aprendizagem tem que levar o ente a lançar-se. Então, a disposição imprime na aprendizagem o prazer, a satisfação de uma resposta à inquietação sobre o sentido dentro do processo de aprendizagem.

A inquietação sobre o sentido se mostra no ser que está aí no mundo. Ele está inserido em uma conjuntura maior que o imediato do ambiente escolar ou acadêmico, portanto, a práxis psicopedagógica, por meio da analítica existencial de Heidegger, pode imprimir em seu fazer as considerações sobre o aí do ser,

⁴²MARTINS, Mara R. Rodrigues. *Psicopedagogia: a solução para os problemas de aprendizagem: “Segundo Bossa (2000), os primeiros esboços de Psicopedagogia aconteceram na França no início do século XIX com contribuições da Medicina, Psicologia e Psicanálise, para ação terapêutica em crianças que tinham lentidão ou dificuldades para aprender”*. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/artigos/46.htm>. Acessado em 10/11/11 às 15:20:35.

⁴³ SÁ, Márcia S. M; VALLE, Bertha B.R.; DELOU, Cristina M. C. *et al.* Introdução à Psicopedagogia. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2010, p. 08.

⁴⁴ MELLA FARIAS. Luciano. Evaluación de los aprendizages y hermenéutica. *Revista Educare. Barquisimeto, v. 17, n. 01, 2013, p. 144.*

em especial por meio da apreensão fenomenológica. É ela, a abordagem fenomenológica que possibilita apreender a quantas anda o aprendente e o processo de aprendizagem e também ajuda a articular um meio que favoreça a atender às demandas que vão surgindo nesse processo. Assim, a abordagem fenomenológica é uma “ferramenta” que capta a disposição do aprendente e pode ser inserida nessa práxis psicopedagógica.

Além da disposição vale atentar para o compreender, que é em Heidegger uma categoria existencial fundamental. O que se compreende não é somente um externalismo, mas uma configuração real do que se pode no mundo, é uma configuração do ser-no-mundo, diz propriamente quais as possibilidades do ser-no-mundo. O que se conhece não é uma ou outra coisa, mas configura o próprio ser enquanto no mundo.

O compreender é uma categoria que abre o ser-aí às suas possibilidades, pois uma vez compreendendo ele passa a ter a possibilidade de agir sobre algo. O conhecimento passa a compor sua existência, por isso, compreender não é somente saber isto ou aquilo, mas é um existencial no ser-aí, imprimi-lhe uma forma de existir. Mas essa forma de existir não se configura de modo isolado, pelo contrário, o compreender, como leque de possibilidades, se abre porque coloca o ser-aí frente às coisas no mundo e lhe insere num poder-ser comportamental, isto é, possibilita-lhe um comportamento “prático”, pois revela o “ser-para” dos utensílios. A Psicopedagogia, ao lidar com a dificuldade de aprendizagem, poderia ater-se a esse comportamento prático, a essas experiências colecionadas pelo sujeito, e que desvelam o compreender do ser-aí e, por conseguinte, diz sobre a sua forma de existir. E uma vez tendo do ser-aí seu compreender, pode-se facilitar a aprendizagem, até porque há a possibilidade de saber o que o sujeito-aprendente espera do conhecimento, entende-se uma forma de abordar aquilo que afeta o sujeito, de modo que o conhecimento se torne atraente e desvie-se do impessoal.

No encontro com a filosofia, a Psicopedagogia se abre à pergunta sobre como o sujeito compreende o mundo, sobre o que espera do conhecimento,

sobre o seu poder-ser próprio, que não é isto ou aquilo, mas a singularidade de cada sujeito, o modo próprio de estar no mundo. Consciente da singularidade do ser-aí, também as suas queixas passam a ser singulares e repousa sobre a práxis psicopedagógica uma abordagem que contemple essa singularidade, sem deixar de vê-la como singular particular, porque é de um sujeito e singular coletiva, porque está dentro de uma cultura, pois para Heidegger o que se compreende está sempre numa conjuntura maior, que é a cultura.

Pode acontecer que alguma criança, algum jovem ou adulto se perca, ou seja, decaia na manualidade, desviando-se do seu poder-ser, disso decorre um compreender que seria impróprio, por não se perguntar: como estou no mundo? Frente a isso, a Psicopedagogia pode apreender da teoria heideggeriana a pergunta sobre o aí do ser, a fim de propor o seu caráter de projeto, de ser lançado no mundo. Com isso, a Psicopedagogia não só retoma a pergunta pelo ser, mas auxilia o ser-aí a assumir sua configuração própria na existência.

Muitas vezes quando se faz às crianças perguntas sobre o que elas querem ser quando crescerem, muitas logo respondem dizendo que querem ser como seus pais, evidenciando que num primeiro momento o modo de estar no mundo que se refere aos pais é também o modo de compreensão da criança. A compreensão, o poder-ser para a criança, num primeiro momento está alocado ao ex-istir dos pais, no entanto, ao longo do seu desenvolvimento, cada sujeito deve encontrar o seu modo próprio de existir, visto que “compreender é o ser existencial do próprio poder-ser da presença [ser-aí] de tal maneira que, em si mesma, esse ser se abre e mostra a quantas anda seu próprio ser”⁴⁵.

Ao entender que as crianças associam sua compreensão ao mundo de seus pais, vem à tona o fato que o compreender se dá a partir do mundo do ser-aí, ou seja, essa categoria existencial não provém de uma força misteriosa, mas, pelo contrário, provém do lugar no mundo em que se encontra o sujeito. Assim, a Psicopedagogia ao considerar a compreensão, como já mencionado, não pode

⁴⁵ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, p. 204.

lidar com a aprendizagem sem considerar a singularidade do sujeito e de sua cultura. Pois, no lugar em que está inserido, ele recebe perguntas que lhe são próprias, não são de seus pais ou de outrem, mas suas. Essas perguntas compõem as suas experiências existenciais, constituindo um pré⁴⁶, que lhe singulariza e antecipa a escola formal.

O compreender não é uma categoria acabada, mas possui um círculo, o qual requer que o compreendido sofra uma interpretação, de modo que compreender e interpretar estejam interligados na realidade da existência do ser-aí. Interpretar é elaborar o que já foi compreendido. O compreendido é uma categoria que lança o ser-aí às possibilidades, ao passo que o interpretar é um trabalho de alocamento do ente compreendido nas várias possibilidades até se chegar a uma interpretação⁴⁷. Como a Psicopedagogia tem no seu estatuto lidar com os que enveredam pela aprendizagem não só cotidiana, mas também sistemática, então as categorias existenciais de compreensão e interpretação lhe abrem para a sensibilidade desse alocamento que o sujeito-aprendente faz para passar do compreendido na cultura em vista de chegar ao interpretado com sua singularidade.

Interpretar não se trata de adquirir um conhecimento do mundo ou de algo, mas de dar forma ao que já foi compreendido. O já compreendido passa a ser algo aberto à existência, está em meio às possibilidades do mundo, então a interpretação traz consigo o “porque” e o “como” sobre o objeto que está à mão. Este “porque” e “como” são pré-predicativos, isto é, pré-definem o objeto, até chegar ao conhecimento conjuntural total acerca do mesmo. Pode-se ainda dizer que o interpretar desvela o cuidado e a preocupação cotidianas, pois o já compreendido agora se torna ocupação desse ser-aí que se posicionou como

⁴⁶ PIRES, Anderson Clayton; OLIVEIRA, Cláudio de. A hermenêutica da compreensão: uma reflexão sobre o sentido aleatório de intelectos fidei. *Fragments da cultura*. Goiânia, v. 18, n. 09/10, 2008, p. 661: “a proposta hermenêutica de Heidegger infunde, na compreensão do sujeito hermenêutico, a bagagem proveniente de sua experiência existencial, aglutinando, assim, na estrutura de uma pré, a relação de correspondência entre o ser e a linguagem”.

⁴⁷ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, p. 211: “ao apropriar-se da compreensão, a interpretação se move em sendo compreensivamente para uma totalidade conjuntural já compreendida”.

intérprete desse algo que está à mão, de sorte, que o algo à mão deixou de ser um algo distante, que não o afeta, para se tornar algo que se destina a algo que afete esse ser-aí; pelo que ele passa a se ocupar. Portanto, ocupação, cuidado e preocupação podem desvelar um compreendido e interpretado pessoal que afeta o sujeito-aprendente.

A interpretação para interpretar, além de antecipada pela compreensão, possui três princípios de ação: posição prévia, visão prévia e concepção prévia. O prévio na interpretação não quer dizer algo *a priori*, uma vez que é antecipada pela compreensão. O processo acontece até o ser-aí conseguir encontrar o sentido do ente, que não está propriamente na interpretação isolada, mas numa conjuntura maior (cultura). O prévio, na interpretação é o ente à mão, já compreendido pelo mundo da cultura e, agora particularizado pela particularidade do ser-aí que a tem em mãos e a pode interpretar, mas sempre amparado pela cultura, de tal modo que o interpretar seja remissivo. O objeto à mão remete a algo já compreendido na cultura, assim, interpretar é remeter algo a algo já compreendido.

Para Heidegger, a busca por interpretar um ente, abre o ser-aí às muitas possibilidades até chegar ao que é seu sentido no mundo. O sentido aqui está associado à função e não ao que é sentido para o sujeito. Para Heidegger o sentido do objeto, é o que “sustenta a compreensibilidade”⁴⁸ que se desvela no lidar dos homens com os utensílios. E aqui se encontra um dos desafios do fazer psicopedagógico. Ora, a Psicopedagogia postula lidar com a dificuldade de aprendizagem, que muitas vezes se encontra exatamente porque o aprendente não encontra sentido naquilo que lhe é proposto, portanto, o desafio apresentado pela analítica existencial é desvelar esse sentido que “sustenta a compreensibilidade”. Heidegger se refere ao cotidiano das pessoas, onde elas vão descobrindo o para quê das coisas. Do mesmo modo, o saber sistematizado, como o saber cotidiano deve ter o seu “para quê”. Expô-lo é uma resposta a muitas queixas escolares.

⁴⁸ Idem ibidem, p. 212.

Compreensão e interpretação fazem parte de um círculo hermenêutico, onde se deve chegar ao conhecimento de modo autêntico, guardando o sentido das coisas, uma vez que o “círculo do compreender pertence à estrutura do sentido”⁴⁹. Neste ponto, a Psicopedagogia pode utilizar como instrumental o prévio presente na interpretação, para colaborar com a busca do sentido das coisas, dos entes aos quais o sujeito está aberto no mundo.

Quando uma criança está brincando com algo, ao final do primeiro ano de vida ela começa a balbuciar alguma coisa, tentando enunciar um objeto, primeiro ela compreende que aquele objeto é algo, depois a cultura o nomeia, até a criança chegar a uma interpretação dentro da cultura. A compreensão que antecipa a interpretação da criança possui um já compreendido no mundo. Compete a ela uma interpretação própria, mas dentro do contexto cultural, que dá sentido ao objeto. A Psicopedagogia tem como ofício contribuir para facilitar o conhecimento, portanto, o prévio, quando estimulado pela Psicopedagogia, ajuda a criança ou o adulto a construir sua autonomia diante do mundo. Ao invés de entregar as coisas definidas, o processo de aprendizagem ajuda o sujeito-aprendente a construir um caminho de autonomia, abre-lhe às suas potencialidades.

“Toda interpretação funda-se na compreensão”⁵⁰, configurando que o interpretado é em si antecedido pelo compreendido. O compreendido requer existencialmente comunicação, dando vez para o enunciado, que expõe o “como” do compreender e do interpretar. Enunciar é “entendido como comunicação ou um partilhar-com existencial”⁵¹ que traz à tona o que foi compreendido e interpretado, fazendo com que o enunciado encontre lugar nas relações do sujeito. Quando um ente enuncia, comunica o seu ponto de vista, está partilhando de si, é um “demonstrar a partir de si mesmo”⁵².

⁴⁹ Idem *ibidem*, p. 215.

⁵⁰ Idem *Ibidem*, p. 215.

⁵¹ Idem *Ibidem*, p. 217.

⁵² Idem *Ibidem*, p. 216.

Levando em consideração o processo de construção de autonomia do sujeito dentro da aprendizagem, o respeito ao que se enuncia é algo singular. O que é enunciado é partilha do si mesmo do sujeito, o que pede valorização. A valorização do enunciado está bastante presente no processo pedagógico libertador de Paulo Freire⁵³, sobretudo no seu conceito de “palavras geradoras”⁵⁴. Ele deixa o sujeito-aprendente falar livremente sobre a compreensão e interpretação de mundo que possui, pois aí o aprendente comunica o seu sentido próprio no mundo. Partindo desta coleta, Paulo Freire auxilia o sujeito-aprende a pensar uma ação transformadora, a partir do instrumental da educação.

A Psicopedagogia diante dos existenciais: compreensão, interpretação e enunciado- aprende deles a busca pelo sentido. O ente que pergunta pelo ser é o ente que busca o sentido, com isso, a aprendizagem deve se compromissar não somente com o sentido do que está ensinando, mas ajudar o ente que pergunta a se colocar diante de si mesmo. Uma forma prática deste princípio acontece quando o processo de aprendizagem se abre à fenomenologia e abre mão do previsível, deixando de priorizar somente o formal estabelecido, para olhar também o sujeito que está aí, sendo questionado pela existência.

⁵³ BELLO, J.L.P. *Paulo Freire e uma nova filosofia para a educação*: “Paulo Freire concebe educação como reflexão sobre a realidade existencial. Articular com essa realidade nas causas mais profundas dos acontecimentos vividos, procurando inserir sempre os fatos particulares na globalidade das ocorrências da situação. Aprendizagem da leitura e da escrita equivale a uma releitura do mundo. Ele parte da visão de um mundo *em aberto*, isto é, a ser transformado em diversas direções pela ação dos homens. Paulo Freire atribui importância ao momento pedagógico, mas com meios diferentes, como *práxis* social, como construção de um mundo refletido com o povo. Para Paulo Freire o diálogo é o elemento chave onde o professor e aluno sejam sujeitos atuantes. Sendo estabelecido o diálogo processar-se-á a conscientização”. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/per01.htm>. Acessado em 09/10/11. Acessado às 10:26:32.

⁵⁴ *Ibidem*: “No método de Paulo Freire, a *palavra geradora* era subtraída do universo vivencial do alfabetizando. Em Paulo Freire a educação é conscientização. É reflexão rigorosa e conjunta sobre a realidade em que se vive, de onde surgirá o projeto de ação. A *palavra geradora* era pesquisada com os alunos. Assim, para o camponês, as palavras geradoras poderiam ser enxada, terra, colheita, etc.; para o operário poderia ser tijolo, cimento, obra, etc.; para o mecânico poderiam ser outras e assim por diante.” Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/per01.htm>. Acessado em 09/10/11 às 10:45:22.

É preciso entender que o sujeito-aprendente está inserido em um mundo que possui já um compreendido, suas formulações sociais e funcionais, e o sujeito-aprendente possui sua interpretação, busca seu lugar neste mundo e o processo de aprendizagem a partir das categorias existenciais do ser-aí pode colaborar nesta construção que é dinâmica e que conta com o fenômeno do ser-aí, que é a pergunta pelo ser, a pergunta pelo sentido. Na medida em que a Psicopedagogia for fenomenológica, ela se colocará em um caminho dinâmico e menos previsível, que auxiliará a encontrar o “para quê” das coisas que entram no mundo do sujeito-aprendente.

Portanto, o ser-aí em Heidegger se relacionando com a Psicopedagogia tem muito a contribuir. A teoria heideggeriana não é uma teoria do desenvolvimento humano, nem uma teoria da aprendizagem, mas falando do ser, fala do aprendente, que é o campo de trabalho da psicopedagogia, de modo que a pergunta pelo ser está nela presente e encontra em Heidegger um suporte teórico.

Considerações finais

A Psicopedagogia sendo um estudo da aprendizagem vê que o ser-no-mundo é um ser aprendente. O aprender é uma realidade entranhada no ser-aí, no ente que não está acabado e pronto, mas que vai se fazendo. Destarte, a Psicopedagogia entendendo a aprendizagem como um processo que envolve afetividade, interesse, disposição, soma a este o motor existencial do ser-ai, o sentido. A aprendizagem tem que ter sentido para o ente-aprendente. Ela deve favorecer a interpretação pessoal do ser-aí, para que ele ao comunicar que sabe, esteja comunicando o seu si mesmo.

A Psicopedagogia, seja clínica ou institucional, ao olhar as várias categorias na analítica existencial, pode encontrar um instrumental para auxiliar o aprendente na busca pelo sentido e a construir uma existência autêntica, fugindo da de-cadência, para assumir as suas potencialidades no mundo.

A aprendizagem abre o ser-aí para o seu poder-ser, que é propriamente suas potencialidades no mundo, portanto, impulsionar às potencialidades é também auxiliar o ser-aí a assumir sua liberdade, com o fim de alcançar autonomia diante do mundo, a autogestão.

O presente estudo não tem a pretensão de esgotar o tema, mas abrir uma perspectiva de abordagem à práxis psicopedagógica, de modo que a Psicopedagogia e a teoria do ser-aí em Heidegger possam encontrar-se para contribuir com o ser humano e em sua dinâmica existencial. A Psicopedagogia, a partir dos existenciais da analítica heideggeriana tem a possibilidade de abordar o ser-aí de forma mais fenomenológica, a partir do ser que se mostra, que se diz e fala do seu aí no mundo.

Referências

BELLO, J.L.P. *Paulo Freire e uma nova filosofia para a educação*. 1993. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br>. Acesso em 09/10/11, às 10:45:22.

BOSSA, N. *Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico*. Porto Alegre-RS: Artmed, 2002.

CALANDRO, Eduardo; LEDO, Jordélio. *Psicopedagogia Catequética: reflexões e vivências para a catequese conforme as idades*. São Paulo: Paulus, 2010.

ESPINOZA, Nolberto A. *A consciência como princípio: releitura à luz da Logoterapia de Viktor Frankl*. São Paulo: Paulus, 1998.

EVARISTO, P. *A recepção do inconsciente freudiano pela daseinsanalyse de Merdad Boss*. Disponível em <http://www.fenoegrupos.com>. Acesso em 09/10/11, às 14:31:15.

FRANKL, V. *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. Aparecida-SP: Santuário, 1989.

GASPARIAM, Maria C. Castro. *Psicopedagogia institucional uma visão sistêmica*.

Disponível em

<http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=10>.

Acessado em 11/10/11, às 10:40:25.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MARTINS, Mara R. Rodrigues. *Psicopedagogia: a solução para os problemas de aprendizagem*. Disponível em <http://www.abpp.com.br/artigos/46.htm>. Acessado em 10/10/11, às 15:20:35.

MATTÉI, Jean-François (Coord.). *Heidegger: l'énigme de l'être*. Paris: PUF, 2004.

MELLA FARIAS, Luciano. Evaluación de los aprendizages y hermenêutica. *Revista Educare*. Barquisimeto, v. 17, n. 01, 2013, p. 138-151.

PIRES, Anderson Clayton; OLIVEIRA, Cláudio Ivan de. A hermenêutica da compreensão: uma reflexão aleológica de intelectos fidei. *Fragmentos da cultura*. Goiânia, v. 18, n. 09/10, 2008, p. 655-678.

REALE, Giovanni; ANTISSERI, D. *Historia da Filosofia: do Romantismo até os nossos dias*. São Paulo: Paulus, 1991.

REALE, Giovanni; ANTISSERI, D. *História da Filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt*. v. 06. São Paulo: Paulus, 2006.

RUBINSTEIN, Edith Regina (Org). *Psicopedagogia: fundamentos para a construção de um estilo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

SÁ, Márcia S. M; VALLE, Bertha B.R.; DELOU, Cristina M. C. *et al. Introdução à Psicopedagogia*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2010.

SILVEIRA, Mara Musa Soares. Contribuições filosóficas e psicopedagógicas no desenvolvimento do ser. Disponível em <http://psicopedagogia.com.br/opinião/opinião.asp?entrID=313>. Acessado em 08/04/14, às 10:25:30.

SODELLI, Marcelo; SODELLI-TEODORO, Alessandra. Visitando os 'seminários de zollikon': novos fundamentos para a psicoterapia fenomenológica. *Psicologia Revista*. São Paulo, v. 20, n. 02, 2011, p. 245-272.

STEINER, G. *As ideias de Heidegger*. São Paulo: Cultrix, 1978.

Artigo recebido em 18.11.2013
Artigo aprovado em 21.03.2014